

Taylor sentiu o ar faltar no peito ao ouvir aquilo. Guardas da Morte? Guerreiros de Ferro? Arca dos Presságios? Que reunião de horrores era essa? Ele mexia distraidamente no prato quando a mulher continuou: — Mas acredito que o Imperador ainda nos protege. Os Guerreiros de Ferro tinham mais tropas, mas no vácuo se depararam com uma frota de Tirânidos. — Depois de uma batalha sangrenta, as forças do Caos foram reduzidas. Se não fosse isso, o ataque poderia ter sido o dobro. — Embora, pelo que observei, a frota Tirânida também não estivesse completa. Pareciam ter vindo de uma batalha brutal... Taylor tossiu, forçando um sorriso. — É... o Imperador nos protege... Na cabeça, pensou que poderia muito bem ser a frota que ele havia expulsado. Um frio na espinha. Se ela descobrisse, a história se espalharia pela galáxia inteira. Era assim que funcionavam os bardos e cronistas do 40K — contadores de histórias sem escrúpulos, capazes de qualquer coisa por uma narrativa interessante. Ele lançou um olhar rápido para Rogério, sinalizando para não fazer nada suspeito. Se essa mulher descobrisse que havia um homem de ferro ali, o assunto chegaria até em Terra! Mas então, ela se inclinou para ele, os olhos brilhando de curiosidade: — Você disse que conhece esse robô de combate? E os Tirânidos pareciam ter ligação com você... Já ouvi os rumores e vi aquele enorme armário de troféus... — Senhor, você tem segredos demais. Para mim, é como um tesouro. Pretende me dar a chave? Ou pelo menos deixar que eu espreite pela fresta da porta? Taylor instintivamente protegeu a parte inferior do corpo, desconfiado. Essa mulher era capaz de bisbilhotar até o zíper esquecido da calça. Era o que ele poderia chamar de má sorte no amor... se é que dava para chamar disso. Foi quando Taíques apareceu de novo, justamente na hora da refeição, com a desculpa esfarrapada de uma reunião. Desta vez, porém, Taylor não reclamou. Pelo contrário, quase implorou: — Leva eu daqui, chefe. Por favor! Taíques arregalou os olhos. — Você tá doente? Então notou a presença da mulher. — Ah... — Ahhh... — esticou o som, entendendo tudo. Virou-se para ela com um sorriso malandro: — Minha senhora, gostaria de incluir em seus registros os feitos da Primeira Legião de Redenção de Scáldia? A barda de Cadia sorriu. — Pelo Imperador, seria uma honra. Taíques então ordenou, solene: — Capitão Taylor! Taylor respondeu entre dentes: — Presente! — A partir de agora, você terá uma missão. Um dever sagrado! Proteger e fornecer informações a esta arquivista, para que ela possa documentar a glória de nosso regimento! — o velho raposo murmurou em seguida: — Assim, recrutar novos soldados vai ficar mais fácil... Taylor engoliu a resposta que queria dar e apenas assentiu. — Sim, senhor! Na mente, resmungou: É assim mesmo... Um degrau acima já esmaga a gente. --- Capítulo 149 - A Fortaleza Negra (Parte 1) Após uma reunião interminável, Taylor saiu com algumas notícias preocupantes. Primeiro: o controle imperial sobre o vácuo havia ruído. Frota após frota do Caos esmagava posições antes leais. Agora, o setor de Cadia estava isolado, como uma criança abandonada pelo Imperador. Segundo: um sinal maciço piscava nos sensores. Algo anormal, tão estranho que nem o experiente tenente dos Punhos Imperiais conseguia identificar. Por fim, quando só queria respirar um pouco, Taylor se viu novamente cercado pelas perguntas insistentes da arquivista. Sobre seus feitos passados, como derrotara inimigos, e se realmente tinha ligações com feiticeiros do Caos. Sem paciência, ele enfiou um caderno de anotações nas mãos dela e fugiu, levando o robô para a muralha deserta da fortaleza. O vento quente acariciava seu rosto enquanto a lua prateada brilhava no céu tranquilo. A paisagem era pacífica, algo raro em meio à guerra. Taylor ia murmurar algo quando notou. Por que há duas luas? Aproximando os óculos de ampliação, avistou um objeto colossal pairando no espaço — negro, sinistro, envolto em uma luz púrpura que fazia a pele arrepiar. Antes que pudesse processar, o comunicador o chamou de volta à sala de reuniões. O clima lá dentro era pesado. Oficiais da Guarda Imperial encaravam os mapas em silêncio. O tenente dos Punhos Imperiais falou grave: — Garoto, vocês vão conosco para o espaço. — A situação não será resolvida só com defesa. Se não contra-atacarmos, aquela fortaleza vai reduzir isso aqui a pó. — Não sei quanto tempo os escudos vão aguentar. E, honestamente? Não estou otimista. Taylor franziu a testa. — O que é aquilo? — A Fortaleza Negra. Uma fortaleza móvel do tamanho de um planeta... capaz de viajar pela Disforma. — Eles estão saltando entre sistemas. E Cadia é o próximo alvo. — Nós estamos no caminho. E, depois de derrotarmos os Guerreiros de Ferro, somos uma ameaça óbvia. Taylor balançou a cabeça, confuso. — Mas... ir para o espaço? O tenente encarou-o, sério. — Vamos atacá-la. Taylor quase riu.

Aquilo era loucura! A Fortaleza Negra era enorme, uma das joias do Abaddon! Como um punhado de soldados faria diferença? Mas os transportes já pousavam lá fora. E Taíques organizava as tropas para o ataque. Tudo bem se quiserem suicídio... mas por que eu tenho que ir junto? Ele estava prestes a recusar com firmeza quando um tremor violento sacudiu tudo. Olhou para fora e viu incontáveis projéteis caindo como chuva, fazendo os escudos virais piscarem freneticamente.— Ajustem para o máximo de energia! — gritou o velho sargento. No instante seguinte, todas as luzes da fortaleza se apagaram, deixando apenas os clarões assustadores dos disparos inimigos. Mesmo assim, a estrutura estava à beira do colapso.— Por favor, me levem! — implorou Taylor. Entre arriscar tudo ou virar pó, ele preferia a chance de lutar. Os soldados da Guarda Imperial se alinharam, saudando-o com respeito, enquanto os Fistos Imperiais bateram os punhos no peito em sinal de honra. A cena parecia um velório. Com um nó na garganta, Taylor e seus companheiros — incluindo Franstan e o robô capturado — foram enfiados no transporte. Roglo resmungou:— Malucos! Vocês querem invadir uma fortaleza com essa lata velha? Humanos são todos doidos! Morrer por um Imperador e lealdade? Aposto que nem chegamos perto! Roland deu um soco no robô, mesmo sabendo que não faria diferença.— Escuta, lata velha! Nossa lealdade é o que nos mantém vivos. Sua raça acabou porque não tinha coragem!— Eu vi humanos se ajoelhando para máquinas para sobreviver! — Roglo revidou. — E seu "grande" Império está se despedaçando pelo Caos! Vocês estão cegos por fanatismo!— Chega! — Taylor interveio. — Precisamos focar em sobreviver. O transporte ficou em silêncio enquanto os motores de plasma os levavam para fora da atmosfera. A gravidade artificial da Mechanicus substituiu a atração natural do planeta. Roglo, resignado, finalmente cedeu:— Já estive numa Fortaleza Negra. Tenho mapas dos túneis inferiores. Posso guiar vocês... se me obedecerem lá dentro. Taylor respirou aliviado.— O Imperador nos ouviu. Nosso objetivo é parar o bombardeio, não lutar contra o Caos. O silêncio do Pelotão 15 foi resposta suficiente. Enquanto a nave acelerava, Taylor rezou em pensamento. Ninguém sabia se seriam abatidos pelos canhões de defesa. Após manobras brutais que quase fizeram todos vomitar, a nave perdeu controle. [Alerta: Falha crítica nos sistemas] A voz da piloto ecoou nos alto-falantes:— Não conseguiremos pousar. Entrem no veículo. Vou colidir com a fortaleza... Foi uma honra servi-los, senhor Taylor. Taylor reconheceu aquela voz, mas não teve tempo de lembrar. O impacto veio como um trovão, seguido de explosões e calor infernal. Quando conseguiram arrastar o Franstan para fora dos escombros, viram o corpo carbonizado da piloto — a mesma garota da base naval que sempre brincava com Taylor. Seu traje espacial estava em farrapos, só o cabelo castanho ainda a identificava. Sem palavras, Taylor fez o Sinal da Águia sobre seus restos.— Avante, irmãos — disse, encarando o túnel escuro à frente. — Rumo ao inferno. [Capítulo 150: Fortaleza Negra, Parte 2] O lugar ecoava com cantos góticos distorcidos. Criaturas grotescas se arrastavam pelos corredores. Taylor avistou uma delas: um anão pálido, pele leprosa, contorcendo-se sem parar.— Que diabos é isso? — sussurrou.